



IV Semana Acadêmica

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS:

(AUTO)CUIDADO & RESPONSABILIDADE SOCIAL

INFLUÊNCIA DA MORTE NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Vitória Caroline Pessoa

Acadêmica de Psicologia. Faculdade Luciano Feijão.
Sobral – Ceará. carolinepessoapsi@gmail.com

Raimundo Ribeiro Machado

Acadêmico de Psicologia. Faculdade Luciano Feijão.
Sobral – Ceará. raimundo.machadoii@gmail.com

Amanda Kelly Viana Cezário

Acadêmica de Psicologia. Faculdade Luciano Feijão
Sobral – Ceará. amanda-kelly35@gmail.com

Vitória Maria Oliveira de Sousa

Acadêmica de Psicologia. Faculdade Luciano Feijão.
Sobral – Ceará. vitoriam911@gmail.com

Julyana Lima Vasconcelos Andrade

Docente de Psicologia. Faculdade Luciano Feijão.
Sobral – Ceará. julyanalimaosi@gmail.com

Introdução: Desde o início da existência humana a morte esteve presente e faz parte do desenvolvimento humano. Como as outras etapas da vida, o fim deixa suas marcas. Como os humanos são os únicos que têm consciência de que vão morrer há uma tentativa de buscar uma explicação para o encerramento do ciclo da vida. Muitos questionamentos são levantados e as respostas vieram da religião, ciências, artes e filosofia, mas nenhuma das respostas é completamente aceita por todos. A vivência do luto é algo inerente para quem vive em sociedade e o contexto em que se está inserido afeta a percepção sobre o morrer e o luto. **Objetivos:** Apontar os efeitos do luto na sociedade através de dados coletados em estudos feitos na área e entender como a finitude afeta na vida das pessoas. **Método:** O presente trabalho tem como objetivo ser descritivo, utilizando-se da abordagem qualitativa para a sua construção. Tendo como finalidade básica e pura, a pesquisa teórica. Sendo então uma pesquisa bibliográfica, usando livros e artigos publicados em base de dados, revistas e bibliotecas virtuais como o Scielo por exemplo, além de estarem disponíveis na íntegra. Foi adotado como critério de inclusão publicações em português e datadas a partir de 2005. **Resultados:** A morte é percebida de diferentes maneiras em relação à idade. Perdas de genitores ou irmãos na infância pode desencadear psicopatologias na vida adulta, como depressão. Na adolescência, há um entendimento maior sobre o que é morrer, mas também há uma evitação em pensar sobre. É uma fase de construção da identidade, são tantos acontecimentos e emoções que quase não sobra tempo para pensar em decesso. Sem esquecer que alguns adolescentes acham que são invencíveis. Quando se deparam com a morte de algum familiar ou amigos as reações mais comuns são desespero, dor, arrependimento e raiva. Na fase adulta a libertina ganha o significado social. Essa etapa é comum as pessoas estarem dando início aos planos. Então a finitude é tida como frustração. Quanto mais apegado à sua família maiores os sentimentos de evitação e temor. Além de que o falecimento de um ente querido poderia



IV Semana Acadêmica

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS:

(AUTO)CUIDADO & RESPONSABILIDADE SOCIAL

prejudicar no processo de individualização. Na terceira idade a relação com a morte e algo mais natural por ser uma fase constituída por perdas, mas ainda geradora de angústia.

Conclusão: O homem não consegue conviver com o desconhecido, por isso busca uma explicação para tudo afim de reconfortar-se, não seria diferente para a morte. Apesar de atualmente se tratar de um assunto delicado socialmente falar sobre a finitude é algo de suma importância para o desenvolvimento humano, tanto que reprimir os sentimentos e expressões sobre o luto pode acarretar até problemas psicológicos, por isso a psicologia se faz tão importante nessa fase.

Palavras-chave: Morte; Desenvolvimento; Psicologia.

Referências:

BASSO, L.; WAINER, R. Luto e perdas repentinas: Contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, N. 7, V. 1, P. 35-43, 2011.

HOHENDORFF, K.; MELO, W. Compreensão da morte e desenvolvimento humano: contribuições à psicologia hospitalar. **Estudos em Psicologia**, V. 9. N. 2, P. 480-492, 2009.

KOVÁCS, M. Educação para a morte. **Psicologia Ciência e Profissão**, V. 25, N. 3, P. 484-497, 2005.